Como foi ensinada a história local em Uberaba (MG) no ano de 2022? As abordagens sobre a temática no 3º ano do Ensino Fundamental a partir de uma análise dos livros didáticos e de atividades desenvolvidas por docentes de escolas públicas e particular do município

How was Local History Taught in Uberaba (MG, BR) in 2022? Approaches to this Issue in the 3rd Year of Ensino Fundamental (Elementary School) Based on an Analysis of Textbooks and Activities Developed by Teachers at Public and Private Schools in the City

Robert Mori*
Natalia Aparecida Morato Fernandes**

RESUMO

O objetivo deste artigo consiste em analisar a forma de abordagem da história local no 3º ano do Ensino Fundamental — em duas escolas públicas (municipal e estadual) e uma particular —, localizadas no município de Uberaba, Minas Gerais, no ano de 2022. A pesquisa possui um caráter qualitativo, cujas metodologias utilizadas mostraram-se complementares, inserindo-se na perspectiva do paradigma indiciário — tendo em vista as zonas privilegiadas, os sinais e indícios — e na análise de conteúdo a partir da descrição do teor de mensagens e seus diferentes indicadores que permitem as respectivas inferências. As fontes

ABSTRACT

This paper aims to analyze the approaches adopted in teaching local history in the 3rd grade of Ensino Fundamental at two public schools (one supervised by the municipal government and the other by the state government) and one private school, all located in Uberaba, Minas Gerais, throughout 2022. The research is qualitative in nature, and its methodologies proved to be complementary, aligning the study with the indiciary paradigm — considering privileged areas, clues, and traces — while also drawing on content analysis, based on the description and examination of messages and their different indicators,

* Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), Uberaba, Minas Gerais, Brasil. robertrm1984@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0003-4445-3530>

** Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, Minas Gerais, Brasil. natalia.fernandes@uftm.edu.br <https://orcid.org/0000-0002-6526-2066>

— livros/materiais didáticos e documentos normativos oficiais — formam a base da análise empreendida que contou também com referenciais bibliográficos relacionados ao ensino de História. Os resultados evidenciam como a história local vem sendo preterida e trabalhada de forma bastante pontual nas escolas uberabenses.
Palavras-chave: Ensino de história; História local; Uberaba.

which allow for corresponding inferences. The sources — books, textbooks, and official guidelines — supported this study, which also included bibliographic references related to history. The results highlight how history has been neglected and taught in a fragmented way in schools in Uberaba.
Keywords: History Teaching; Local History; Uberaba.

O objetivo deste artigo consiste em promover uma análise sobre a forma como vem sendo abordada a história local no 3º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas — uma da rede municipal e outra da rede estadual — e em uma particular, na cidade de Uberaba, estado de Minas Gerais. A pesquisa foi realizada a partir do estudo e da observação das "fontes", aqui compreendidas como os documentos normativos da educação, incluindo a legislação vigente: Base Nacional Comum Curricular, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Currículo Referência de Minas Gerais e as Matrizes Curriculares Municipais. Também foram elencados como "fontes" os materiais utilizados nas salas de aula, tais como os livros didáticos e diferentes atividades desenvolvidas pelas docentes. Além disso, foi imprescindível a leitura e a incorporação de reflexões de pesquisadores cujos trabalhos versam sobre o ensino de História e de história local.

Mesmo Uberaba sendo um dos municípios mais importantes do estado de Minas Gerais, possuidor de 101 estabelecimentos de Ensino Fundamental, segundo o último censo realizado em 2023 (IBGE, 2023), percebe-se uma total ausência de pesquisas sobre o ensino de história local que poderiam gerar artigos em revistas científicas, monografias, dissertações ou teses. Tal cenário mostra-se paradoxal, uma vez que o município é reconhecido como polo educacional, com universidades privadas e uma pública, com seus respectivos programas de pós-graduação em Educação, que formam professores há décadas. Infelizmente, tal realidade faz-se presente em boa parte do país, uma vez que ainda se observa a existência de um amplo espaço para estudos acadêmicos sobre a história local.[1]

Também é perceptível uma ausência significativa na produção de livros didáticos ou paradidáticos sobre a história do município: a última obra dessa natureza foi publicada há quase três décadas. Intitulada *Uberaba: uma cidade entre sete colinas – história e geografia* (Figura 1), foi escrita por Maria Antonieta Borges Lopes e Maria Soledade Gomes Borges.[2] A proposta das autoras era "estudar a história do município, como ele surgiu e se desenvolveu e também como ele é hoje" (Lopes; Borges, 1998, p. 3).

Figura 1 – Livro didático utilizado nas escolas uberabenses nos anos 1990



Fonte: Foto dos autores.

Utilizado nas escolas uberabenses até o fim da década de 1990, conjugando História e Geografia, esse livro didático foi escrito e atualizado em um importante período de transformações na educação brasileira, sendo uma delas a separação dessas disciplinas, o que marcou o fim dos "Estudos Sociais". Em uma análise da obra em questão, percebe-se que as autoras buscaram demonstrar, de forma constante, a relação passado/presente existente em Uberaba, estabelecendo um diálogo bastante significativo entre a História e a Geografia, por meio de diferentes propostas de atividades que objetivavam

instigar o aluno a compreender sua realidade, bem como o processo histórico do município em que residia.

Tal publicação faz parte da história da educação em Uberaba, pois foi idealizada e escrita por professoras que viviam no município, conheciam sua história e possuíam significativa experiência docente no que hoje denominamos Ensino Fundamental. Esses fatores, aliados à proposta da obra didática, contribuíram para que ela obtivesse boa aceitação nas escolas uberabenses. Décadas depois, o livro ainda é mencionado por docentes de diferentes instituições de ensino, que o utilizam como fonte para pesquisas sobre aspectos da história do município, apesar de encontrar-se datado.

Acredita-se que as reflexões sobre o ensino de história local perpassam, necessariamente, duas perspectivas: a primeira está relacionada às questões de seu ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como foco principal os aspectos metodológicos; a segunda refere-se a trabalhos que discutem realidades específicas, como estudos desenvolvidos sobre determinados municípios. No que se refere ao primeiro aspecto — o ensino de história local —, este pode ser compreendido como uma metodologia relevante para a formação da consciência histórica dos alunos, atuando como estratégia significativa na construção de identidades e da consciência histórica, ainda que existam dificuldades para a efetivação dessa proposta pedagógica (Assis; Pinto, 2019).

Para uma aprendizagem satisfatória, mostra-se necessário reconsiderar as práticas pedagógicas utilizadas no ensino de História, levando em conta "uma metodologia que integre os alunos na participação da prática e nas estratégias didáticas desenvolvidas" (Malverdes; Salim, 2020, p. 205). As reflexões das autoras caminham no sentido de superar as limitações dos conteúdos de história local presentes nos livros didáticos, uma vez que, quando neles se encontram, estão desatualizados e descontextualizados da realidade (Malverdes; Salim, 2020). Tendo em vista a proposta metodológica "Imaginando", concebida a partir do uso de "conceitos-fotos", pode-se promover a participação do aluno — de forma individual ou coletiva — no desenvolvimento de sua aprendizagem, por meio da utilização de tecnologias para a captação de imagens, proporcionando um trabalho pedagógico eficiente. Trata-se de um método que possibilita aos alunos transformarem-se em sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento.

Em relação a trabalhos que abordam realidades específicas do ensino de

história local, selecionamos dois. O primeiro foi produzido a partir da experiência de acadêmicos do 7º período do curso de Pedagogia, que decidiram investigar a história da Companhia Têxtil de Castanhal (Parintins, Amazonas), o que lhes permitiu não apenas a compreensão da economia local, mas também de aspectos relevantes da história do município, a partir do uso da memória de mulheres que trabalharam no beneficiamento da juta. As autoras também afirmam a importância da investigação de prédios e locais históricos, cuja história, quando abordada a partir de metodologias dinâmicas, pode tornar o ensino de história local mais atraente (Bianchezzi; Coelho; Souza; Silva, 2014).

Saindo da região Norte e dirigindo-se ao Nordeste, as reflexões presentes em uma pesquisa realizada com docentes e discentes do Ensino Fundamental – Anos Finais mostram-se relevantes e instigam a pensar realidades que também podem ser observadas nos Anos Iniciais. Ao investigar o ensino de história local no município de Garanhuns (Pernambuco), considerando a perspectiva de professores e alunos, foi possível perceber como esse ensino permitiu a ampliação significativa de diversas oportunidades de aprendizagem na disciplina de História, a partir da execução do projeto "Memórias de Garanhuns", que apresentou um caráter interdisciplinar (Lima; Oliveira, 2022).

Ao se discutir a aprendizagem, surgem questionamentos acerca da relevância de determinados conteúdos ensinados nas escolas, como, por exemplo: qual a importância do ensino de história local? Conforme se observará, é no Ensino Fundamental — sobretudo nos anos iniciais —, isto é, nos primeiros anos da vida escolar dos discentes, que essa temática é mais trabalhada, de acordo com as diretrizes estabelecidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para responder a tal questionamento, considera-se importante abordar a função do ensino de História, uma vez que ele atua na formação intelectual dos alunos por meio do compromisso com a criação de instrumentos cognitivos voltados ao desenvolvimento do pensamento crítico constituído a partir da capacidade de

> *observar e descrever, estabelecer relações entre presente – passado – presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças* entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado (Bittencourt, 2005, p. 122, grifo da autora).

Essa "diversidade" de conhecimentos passa, necessariamente, pela história local e regional, que pode e deve ser utilizada para a introdução de outros conteúdos da disciplina, partindo de elementos mais próximos ao aluno, de modo a despertar seu interesse e possibilitar uma aprendizagem mais prazerosa e satisfatória. Conforme afirma Leandro Karnal (2008, p. 71), a partir da "base no universo local dos estudantes, o professor será capaz de indagar e questionar procedimentos e costumes, despertando a reflexão sobre outros povos e tempos".

O ensino de história local mostra-se essencial para a formação dos estudantes não só no Ensino Fundamental, uma vez que

> ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistirá na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sócio-cultural, político e geo-ambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social (Neves, 2002, p. 89).

Ela é capaz de "produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte", criando "suas próprias historicidades e identidades" (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 113). Ademais, um dos objetivos do ensino de História, conforme afirma Circe Bittencourt (2005, p. 121, grifo da autora), consiste justamente em sua "contribuição para a constituição de *identidades*", associadas à formação da cidadania. Ainda recorrendo a Bittencourt (2010), a história local não deve ser tratada segundo uma ordenação que considere o mais próximo em relação ao mais distante, mas, sim, problematizada continuamente, de modo que os alunos possam compreender as singularidades históricas locais.

Dessa forma, não se pode compreender a história local como algo de menor importância ou como conteúdo a ser trabalhado exclusivamente no Ensino Fundamental. Por se tratar de temática que pode e deve ser ensinada e problematizada ao longo de toda a trajetória escolar do aluno, a história local revela-se de grande valia não apenas para a compreensão das especificidades históricas de determinada localidade — uma cidade, por exemplo —, mas também para o entendimento de processos históricos nacionais ou globais, cujos reflexos podem ser percebidos também no âmbito local.

Feitas essas considerações iniciais relacionadas ao ensino de história lo-

cal, dedicaremos algumas palavras para apresentarmos a metodologia empregada. Optamos por utilizar a análise de conteúdo, caracterizada por um conjunto de técnicas cuja

> análise das comunicações [...] visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

Estruturada a partir de uma análise qualitativa, essa perspectiva recorre aos "indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências; por exemplo, a presença (ou a ausência) pode constituir um índice tanto — ou mais — frutífero quanto a frequência de aparição" (Bardin, 1977, p. 114). A análise de conteúdo envolve algumas "etapas", tais como a pré-análise — leitura, seleção e formulação de prováveis hipóteses —, a exploração do material (com estabelecimento de categorias) e, por fim, o tratamento dos resultados (interpretação dos dados) (Bardin, 1977).

Possuindo, dessa forma, regras sistematizadas, a análise de conteúdo possibilita a investigação da subjetividade, uma vez que evidencia a inexistência de uma suposta neutralidade na relação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa (Bardin, 1977). Para Bardin (1977, p. 39), o pesquisador assemelha-se a um arqueólogo que trabalha com os "vestígios", inferindo "conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos".

Todavia, não apenas o arqueólogo trabalha com os "vestígios": o historiador também busca extrair o máximo possível das narrativas analisadas. Assim, de forma complementar e não excludente, recorremos, na parte metodológica, ao paradigma indiciário, guiando-nos pelos vestígios, pelas entrelinhas ou pelo que não foi escrito — o silêncio ou "ausência", nas palavras de Bardin —, uma vez que, se a "realidade é opaca, existem zonas privilegiadas — sinais, indícios — que permitem decifrá-la" (Ginzburg, 1989, p. 177). Tais perspectivas metodológicas mostram-se importantes para pesquisas na área da Educação, permitindo uma análise que considere tanto o aspecto micro quanto o macro, assim como interpretações e inferências necessárias ao trabalho dos pesquisadores.

Por fim, algumas palavras são necessárias sobre a análise documental realizada nesta pesquisa. Tal investigação requer atenção especial, a fim de extrair ao máximo o conteúdo dos documentos (fontes), levando em consideração o histórico de sua produção, seus autores, a natureza do texto e, por fim, a análise do sentido das palavras e dos conceitos (ou seja, seus argumentos) (Cellard, 2008). A análise documental foi aplicada a três tipos de fontes: a legislação educacional — nos âmbitos municipal, estadual e federal; os livros didáticos utilizados em sala de aula; e, por fim, os materiais produzidos, no ano de 2022, por professoras e alunos, como painéis e outras atividades. Aqueles documentos relacionados à legislação educacional, devido ao seu caráter normativo, encontram-se disponíveis on-line. Quanto às fontes produzidas por alunos e professoras, elas foram recolhidas mediante a cessão desse tipo de material por docentes.

UMA ANÁLISE DOS DOCUMENTOS NORMATIVOS: COMO A HISTÓRIA LOCAL DEVE SER ABORDADA?

A metodologia da análise de conteúdo foi utilizada nesta pesquisa também com o objetivo de investigar quantas vezes o termo "história local" aparece nos documentos normativos da educação (municipal, estadual e federal) e na elaboração de quadros sobre os temas recorrentes, formulados a partir da análise dos livros didáticos. Para realizar essa primeira análise, é necessário informar que as instituições de ensino serão denominadas por letras:[3] a vinculada à rede municipal será referida como "Escola M"; a pertencente à rede estadual, como "Escola E"; e a particular, como "Escola P". Convém salientar que este trabalho não utilizou questionários nem entrevistas gravadas com as docentes, visto que foi estruturado exclusivamente a partir daquilo que denominamos "fontes", conforme já explicitado.

Para a investigação proposta, recorremos primeiramente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual é possível verificar que o ensino de História, no 3º ano do Ensino Fundamental, deve contemplar:

> a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade com ênfase nas diferenciações entre a vida privada e a vida pública, a urbana e a rural. Nesse

> momento, também são analisados processos mais longínquos na escala temporal, como a circulação dos primeiros grupos humanos (Brasil, 2017, p. 404).

Organizada a partir de Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento e Habilidades, a BNCC estabelece também as aprendizagens necessárias relativas ao ensino de História para o 3º ano do Ensino Fundamental: contemplar os grupos sociais que formaram ou formam o município, incluindo as questões sociais, culturais e ambientais; os marcos de memória; a noção de espaço público e privado; e as atividades de cultura e lazer, levando em consideração as especificidades do campo e da cidade em estudo (Brasil, 2017). Percebe-se, assim, o caráter central do ensino da história do município e das conexões pertinentes, expandindo a forma de compreensão do mundo e da realidade que cerca os discentes, em um processo integrado que se inicia nos anos anteriores, a partir do estudo da rua e do bairro.

Era de se esperar, devido ao enfoque dado pelo documento normativo às questões relacionadas ao município ou à cidade, que o termo "história local" estivesse presente em alguns momentos das Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento e Habilidades referentes ao 3º ano do Ensino Fundamental. Contudo, ao investigarmos esse termo na BNCC, encontramos apenas uma menção, situada em uma Unidade Temática do 9º ano: "O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX". Na Habilidade (EF09HI02), o termo é claramente citado: "Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954" (Brasil, 2017, p. 429, grifo nosso).

O Currículo Referência de Minas Gerais — documento que orienta a elaboração dos planos e das ações referentes à educação no estado — foi gestado a partir dos fundamentos educacionais previstos na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases (LDB n. 9.394/96), no Plano Nacional de Educação (PNE/2014) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017). Nesse documento, o termo "história local" foi mencionado apenas uma vez, em uma Unidade Temática denominada "As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município", cujas Habilidades estão relacionadas à identificação de patrimônios históricos e culturais, com o objetivo de "perceber aquilo que esses patrimônios, materiais e imateriais, revelam sobre a história local e regional" (Minas Gerais, 2021, grifo nosso).

Na data em que esta pesquisa foi desenvolvida (2022), estavam em vigência as Matrizes Curriculares Municipais, datadas de 2020 e elaboradas a partir de um "diálogo" entre a BNCC e o Currículo Referência do Estado de Minas Gerais. Na busca pelo termo "história local" nas Matrizes Curriculares, foram encontradas duas menções. A primeira está no 1º ano, na Unidade Temática "Mundo pessoal: eu, meu grupo social e meu tempo", cujas Habilidades consistem em: "Conhecer e valorizar fatos importantes da história local" (Uberaba, 2020, grifo nosso). A segunda menção está diretamente relacionada ao 3º ano, na Unidade Temática "As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município": "Compreender a história local e seus desdobramentos e valorizar a cultura advinda de outras regiões" (Uberaba, 2020, grifo nosso).

No 1º ano, tal proposta pode indicar uma limitação no reconhecimento de fatos históricos, uma vez que não são explicitados critérios para sua seleção nem sua articulação com outros processos históricos, o que pode resultar em uma abordagem superficial. No caso do 3º ano, observa-se uma ampliação, ainda que tímida, da perspectiva do ensino, ao propor a compreensão da história local e de seus desdobramentos, apontando para questões relacionadas às trocas culturais. O estudo dessas trocas revela-se fundamental para compreender como diferentes grupos humanos compartilharam sua cultura por meio de processos de integração, conflitos e adaptações, sendo também relevante para que o estudante reconheça a diversidade cultural que contribui para a formação de sua identidade e, quando adequadamente trabalhados, permite o desenvolvimento de uma perspectiva histórica crítica.

É importante ressaltar que as evidentes diferenças nos currículos refletem uma perspectiva prevista na própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB) — Lei n. 9.394/1996 — que, em seu artigo 26, dispõe:

> Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 1996).

Segundo a BNCC, no item em que são tratadas questões relacionadas aos currículos, tanto estes quanto aquela

> têm papeis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas em cada etapa da Educação básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares (Brasil, 2017, p. 16).

É importante ressaltar que, diferentemente da BNCC e do Currículo Referência de Minas Gerais, por se tratar de uma temática mais próxima à realidade daqueles que elaboraram as Matrizes Curriculares, estas apresentam um item denominado "Condições Didáticas", que permeia todo o documento. Nele, é possível encontrar orientações sobre como trabalhar a história local ao longo de todo o ano letivo, por meio de atividades, exposições e trabalhos com diferentes tipos de fontes históricas, como orais, visuais e materiais. Tal proposta revela-se bastante interessante e foi mantida no Currículo da Rede Municipal de Ensino de Uberaba (2023), podendo ser compreendida como um incentivo e uma orientação para docentes e supervisores/orientadores escolares, facilitando, por exemplo, a elaboração do planejamento pedagógico.

O LIVRO DIDÁTICO E AS DIFERENTES REALIDADES DO ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

Dentro do escopo daquilo que denominamos "fontes", para além dos documentos normativos já citados e analisados, examinaremos, a partir de agora, os livros didáticos e as possibilidades que eles apresentam de se trabalhar a história local em sala de aula.

Antes da análise pretendida, acreditamos ser importante discutir a relevância do livro didático no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Circe Bittencourt (2009), a obra didática é uma "mercadoria" que obedece, desde a sua fabricação e comercialização, à lógica do mercado, sofrendo diversas interferências nessas etapas. Como são produzidos para a venda, o mercado editorial mostra-se capaz de influenciar os autores e a sua escrita durante o processo de produção das obras.

Entre as funções do livro didático, estão: a avaliação dos saberes e das competências; a apropriação, por parte dos alunos, de métodos úteis que pos-

sam ser empregados em outras situações; e o oferecimento de uma "documentação completa e proveniente de suportes diferentes" (Bittencourt, 2009, p. 307). Essa "mercadoria", produzida a partir de diferentes interesses, encontra-se amplamente validada no meio escolar, exercendo uma influência fundamental no ensino e na aprendizagem nas escolas.

Muitas vezes, o livro didático aparece no contexto escolar como o único material de apoio à disposição dos docentes, sustentando nele "a parte central do seu trabalho – planeja as aulas seguindo a disposição dos conteúdos, utiliza os textos em sala de aula, monta com eles um material próprio e deles retira questões de avaliação" (Abud, 2007, p. 115). Em nossa pesquisa, conforme será demonstrado adiante, nas aulas em que foram abordadas questões sobre a história local — de forma pontual, diga-se de passagem —, as docentes pouco utilizaram outros tipos de recursos didáticos, como materiais audiovisuais (fotos ou vídeos) — exceção feita à docente da escola particular —, trabalhos a partir de pesquisas na internet ou a incorporação de análises de diferentes fontes históricas (como escritas, orais ou materiais), que poderiam ser úteis na compreensão do processo histórico, complementando e problematizando aquilo que consta no livro didático.

Dessa forma, o livro didático se mostrou uma ferramenta central, um componente essencial nas aulas de História, corroborando as reflexões do historiador Jörn Rüsen (2011, p. 109), que afirmou: "Todos os especialistas estão de acordo que o livro didático é a ferramenta mais importante no ensino de História". Nessa perspectiva, para os alunos, a obra didática é

> uma ferramenta, institucional e socialmente reconhecida, por meio da qual uma dada narrativa é oferecida aos jovens que estão em processo de formação na educação básica. O livro didático de história continua sendo o principal produto, por meio do qual, milhares de jovens, no espaço formal da escola, têm acesso às explicações históricas sobre as sociedades próximas ou distantes no tempo ou no espaço (Cavalcanti, 2018, p. 526).

Quando pensamos na utilização de livros didáticos destinados ao 3º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista a lógica da mercadoria — cuja produção está nas mãos de grandes editoras e cujas vendas se destinam a todo o país —, quais narrativas estão presentes em suas páginas e foram trabalhadas em sala de aula? Que tipo de explicação histórica foi abordada? São aquelas

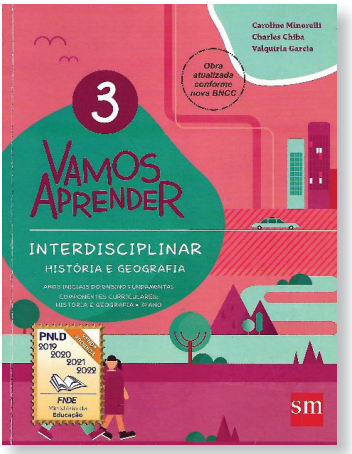
próximas da realidade dos alunos ou recortes espaciais e temporais distantes? Se o livro didático é um recurso central no ensino, quando o assunto é história local e sua ampla gama de especificidades, seu uso sem a devida problematização pode se tornar um empecilho para os professores, prejudicando a compreensão das realidades vivenciadas pelos alunos.

Sobre os livros analisados nesta pesquisa, a principal percepção é que foram escritos e editados para serem utilizados em qualquer cidade do país. Nessa perspectiva, somente as cidades com relativa importância histórica e/ou econômica (para os autores e editoras) tiveram particularidades de sua história difundidas, ainda que muitas vezes de forma bastante resumida. Aspectos da história local, quando incentivados pelos autores a serem trabalhados, demandam a preparação de material e a prática da pesquisa por parte das docentes, o que claramente impõe limites ao ensino da história do município, como abordaremos adiante.

E quais obras foram utilizadas nas escolas? Antes de passarmos para um exame sobre cada uma delas, recorremos às reflexões de Erinaldo Cavalcanti (2016, p. 279), pesquisador que apontou a necessidade de analisar as informações geralmente constantes na segunda página das obras didáticas, visto que elas "apresentam diversos elementos sobre o lugar social da produção da obra. Os nomes dos diversos autores, com distintas especialidades, permitiram a feitura dos livros". A primeira característica perceptível é a diversidade de obras utilizadas: uma delas é interdisciplinar (Escola E); outra é especificamente da disciplina de História (Escola M), sendo ambas comercializadas por editoras de abrangência nacional; a terceira, por sua vez, é uma produção própria do sistema de ensino da escola particular (Escola P).

Na "Escola E" foi utilizado o livro *Vamos aprender interdisciplinar: História e Geografia, 3º Ano: Ensino Fundamental, Anos Iniciais*, dividido em oito unidades (Figura 2). A obra é de autoria de Caroline Torres Minorelli, bacharel e licenciada em História e especialista em História e Teorias da Arte; Charles Hokiti Fukushigue Chiba, bacharel e licenciado em História e especialista em História Social e Ensino de História; e Valquíria Pires Garcia, licenciada em Geografia, especialista em História e Filosofia da Ciência e mestra em Geografia.

Figura 2 – Livro interdisciplinar (História e Geografia) utilizado na "Escola E" durante o ano de 2022



Fonte: Foto dos autores.

Na "Escola M", o livro utilizado em 2022 era específico da disciplina de História. Dividido em nove unidades, *Ligamundo: História* é de autoria de Letícia Fagundes de Oliveira, mestra em História Social, e Alexandre Alves, doutor em História (Figura 3).

Figura 3 – Livro de História utilizado na "Escola M" durante o ano de 2022



Fonte: Foto dos autores.

Na "Escola P", foi utilizado durante o ano letivo um material próprio para o ensino dos alunos que estudam na instituição. Intitulado *FTD: Sistema de Ensino*, ele congrega em quatro módulos o conteúdo das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia (Figura 4).

Figura 4 – Livro – "Módulo 1" e livro de "Atividades complementares" utilizado na "Escola P" durante o ano de 2022



Fonte: Foto dos autores.

Uma análise pormenorizada de cada uma das obras citadas e utilizadas demandaria um número de páginas de que não dispomos para empreender tal propósito. Dessa forma, pontuaremos algumas questões que julgamos pertinentes. Elaboramos o Quadro 1 considerando a quantidade de páginas de cada obra analisada, identificando aquelas em que os autores propõem atividades que buscam trazer a história local, geralmente a dos municípios em que docentes e discentes residem. Muitas dessas atividades consistem em questões cujas respostas orbitam em torno da percepção do aluno, ou seja, de cunho pessoal; outras propõem a utilização de fontes históricas ou demandam pesquisas. Algumas são específicas da História, enquanto outras dialogam com a Geografia, por exemplo.

Quadro 1 – Número total de páginas dos livros didáticos e quantidade delas que propõem trabalhar a história local

Nome da obra	Total de páginas	Quantidade de páginas com propostas ligadas à história local	Porcentagem correspondente
Vamos aprender interdisciplinar: História e Geografia, 3º ano: Ensino Fundamental, anos iniciais (Escola E)	192	17	8,8%
Ligamundo: História (Escola M)	136	16	11,7%
FTD Sistema de Ensino: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia (módulos 1, 2, 3 e 4) e FTD Sistema de Ensino: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia – Atividades complementares (módulos 1, 2, 3 e 4) (Escola P)	170	26	15,2%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das obras consultadas.

Logo de início, percebe-se que a obra didática da FTD (Escola P) destinou mais páginas à história local. Ao compararmos proporcionalmente esses números com a obra utilizada na "Escola E" — a que menos folhas dedicou à temática, sendo um livro interdisciplinar —, a primeira possui 72,7% a mais de páginas, a partir de uma proposta de exercícios que demandavam a investigação de aspectos históricos do município. Livros interdisciplinares podem facilitar a integração necessária entre disciplinas e suas relações gerais; contudo, acreditamos que obras específicas tendem a tratar as diferentes temáticas de forma mais aprofundada, apresentando uma sequência didática e cronológica que facilita a relação entre eventos históricos, favorecendo a compreensão e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Quais tipos de exercícios foram encontrados nas obras consultadas? Na obra *Vamos aprender interdisciplinar* (Escola E), as atividades são baseadas na

observação direta dos discentes, no desenho de paisagens e suas respectivas mudanças, na identificação de patrimônios culturais, além de perguntas que buscam evocar o conhecimento prévio dos alunos.

Em *Ligamundo: História* (Escola M), as atividades idealizadas pelos autores buscaram instigar nos discentes a capacidade de observação para identificar semelhanças e diferenças, a confecção de desenhos, a observação direta em passeios pelo bairro, pesquisas em fontes iconográficas para comparação entre passado e presente, questões de cunho pessoal ou a partir de entrevistas, além daquelas que exigem pesquisas em diferentes tipos de fontes, tais como iconográficas, escritas ou orais. Nos livros da *FTD: Sistema de Ensino* (Escola P), os exercícios propostos pelos autores demandaram a capacidade dos alunos de identificar semelhanças e diferenças, fazer comparações, confeccionar desenhos, pesquisar em diferentes fontes históricas, realizar entrevistas e evocar conhecimento prévio dos discentes sobre algum tema a ser trabalhado.

Sobre os temas que permitiam trabalhar em sala de aula a temática da história local, confeccionamos o Quadro 2, na página seguinte.

O único tema recorrente nas três obras analisadas foi aquele ligado às transformações urbanas. Analisando os conteúdos dos livros didáticos, percebemos que a abordagem dos autores foi pensada para compreender a noção de tempo histórico a partir, por exemplo, das permanências e das mudanças ocorridas nas cidades ao longo do tempo. Tal perspectiva mostra-se útil para compreendermos que a história local não está distante da vida dos alunos, já que ela se desenrola nas ruas, avenidas, bairros, enfim, na cidade, a partir de diferentes tipos de ações humanas, como a conservação ou não de prédios públicos e particulares de valor histórico, cuja preservação constitui um importante fator para a criação de identidades.

Temas como urbano e rural, mudanças na paisagem, migrações, formação das cidades e o patrimônio material e imaterial estão presentes em pelo menos dois dos três livros didáticos. Ao analisarmos os textos e atividades, percebemos que as propostas dos autores consistiram basicamente em identificar e problematizar como a sociedade de um determinado município foi se formando a partir da contribuição de diferentes tipos de pessoas e culturas, cujas ações foram capazes de modificar o espaço. Além disso, nos textos e exercícios estão presentes propostas que versam sobre a valorização e preservação da cultura local, tendo como ponto de partida os patrimônios materiais e imateriais.

Quadro 2 – Temas ligados à história local mais abordados nos livros didáticos analisados

	Escola E	Escola M	Escola P
Obra	Vamos aprender interdisciplinar: História e Geografia, 3º ano: Ensino Fundamental, Anos Iniciais	Ligamundo: História	FTD Sistema de Ensino: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia (módulos 1, 2, 3 e 4)
Temas	Trabalho O urbano e o rural Mudanças na paisagem Festas Transformações urbanas	Mudanças na paisagem Transformações urbanas Migrações (indígenas, africanos e portugueses) Patrimônio material e imaterial Formação da cidade Uso de diferentes tipos de fontes Transportes História indígena História da África e afro-brasileira	O urbano e o rural Transformações urbanas Migrações Formação da cidade Patrimônio material e imaterial Espaços públicos e privados Serviços urbanos Desigualdade social Caminhos históricos Nomes de ruas Memória

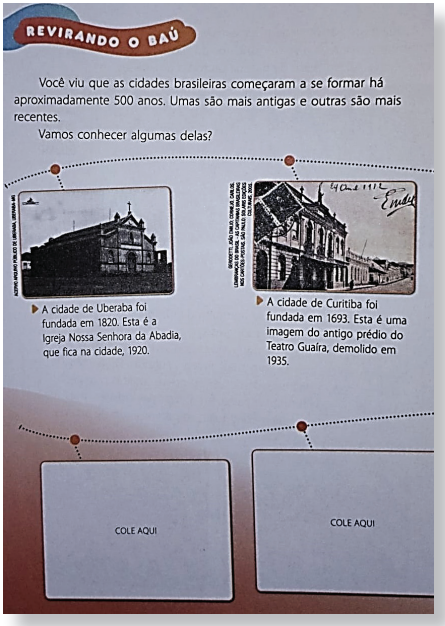
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das obras consultadas.

Em apenas uma publicação (utilizada na "Escola M"), foi possível identificar exercícios e textos que propunham o ensino de História indígena, da África e afro-brasileira. Tal perspectiva contempla, assim, a Lei n. 11.645/2008, que instituiu o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica do país (Brasil, 2008). A presença dessa temática na perspectiva da história local é capaz de contribuir não só para o entendimento de processos históricos específicos vivenciados por indígenas, africanos e afro-brasileiros localmente, contribuindo para a superação de uma ideia de processo histórico genérico, como também se mostra útil no reconhecimento da diversidade cultural local e nacional, assim como no combate ao racismo.

Uma questão importante ao analisarmos os livros didáticos diz respeito ao uso de fontes iconográficas. Como se tratam de obras produzidas para co-

mercialização em todo o país, foram selecionadas apenas imagens de algumas cidades — a partir de vistas parciais, monumentos ou prédios históricos — que possuíam relevância econômica ou histórica para os autores dos livros didáticos, a fim de compor a publicação. O uso de imagens facilita a compreensão da história local, pois é capaz de estimular o interesse dos alunos para que compreendam as mudanças e permanências, desenvolvendo, assim, o senso crítico. Dentre as atividades propostas com fontes iconográficas, destacamos duas: no livro da "Escola M", uma atividade incentivava a comparação entre períodos históricos diferentes no bairro da escola; já no material da "Escola P" (Figura 5), foi utilizada uma imagem da cidade de Uberaba com sua data de fundação (1820), exemplificada por uma fotografia do Santuário Basílica de Nossa Senhora da Abadia, datada de 1920, ano do centenário da elevação do município à categoria de freguesia. Trata-se da única página, entre todas as obras analisadas, que faz uma menção explícita ao município de Uberaba.

Figura 5 – Exercício constante no material didático da "Escola P"



Fonte: FTD Sistema de Ensino, Livro 4/Módulo 4, página 192.

A atividade proposta parte de uma comparação entre as diferentes datas de fundação de municípios, no caso em tela, entre Uberaba e Curitiba (PR). Para além do fato de exemplificar que nem todas as cidades surgiram ao mesmo tempo, e que cada uma delas possui suas especificidades históricas, percebe-se a possibilidade de trabalhar a questão da preservação de prédios históricos. Se o Teatro Guaíra, em Curitiba, foi demolido, a antiga Igreja de Nossa Senhora da Abadia, em Uberaba — hoje Santuário Basílica —, encontra-se preservada, ainda que, com o passar do tempo, tenha sofrido modificações arquitetônicas, estruturais e mesmo de denominação (de igreja para santuário basílica), dada a relevância alcançada pelo templo religioso ao longo dos anos.

Dessa forma, constatamos que a história local, quando abordada nos livros didáticos analisados, mostra-se bastante distante da realidade histórico-social dos alunos de Uberaba, fazendo com que estes tivessem contato com a história do município em pouquíssimos e limitados momentos. Considerando que a obra didática constitui a principal ferramenta utilizada em sala de aula, as atividades propostas pelos autores para tentar levar a história local aos discentes passa necessariamente pela produção de materiais pelas docentes. Mas o que foi efetivamente produzido nas escolas? Esses materiais permitiram o ensino da história local de forma satisfatória? O que foi realmente ensinado? As atividades desenvolvidas pelas professoras constituem o segundo tipo de "fonte" a ser discutido nesta seção do artigo.

Comecemos pela "Escola E". A atividade proposta durante o ano letivo de 2022, que considerou a história local, foi a confecção de um painel com a participação dos alunos. O momento escolhido foi o dia 2 de março, data em que se comemora o aniversário de Uberaba. Coube aos discentes a elaboração de cartões que remetiam a momentos festivos, com bolos, balões, estrelas e corações, buscando expor o amor pelo município (Figura 6).

Retomando o currículo do estado de Minas Gerais, na parte das Habilidades (aprendizagens essenciais), é apontada a necessidade de trabalhar o que os patrimônios materiais e imateriais são capazes de revelar sobre a história local (Minas Gerais, 2021). Tal perspectiva não foi contemplada durante o ano de 2022, visto que a proposta didática enalteceu a data em si, sem problematizá-la, apresentando elementos genéricos que remetem às comemorações de aniversário.

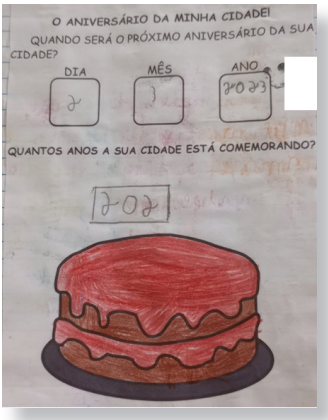
Figura 6 – Painel em comemoração
ao aniversário de Uberaba (“Escola E”)



Fonte: Foto dos autores.

Na “Escola M”, as duas imagens a seguir expressam o que foi trabalhado em relação à história local. Na Figura 7, percebe-se que, além da pintura do bolo, coube aos alunos o preenchimento da data de aniversário do município e da quantidade de anos que ele completava naquele momento (2022) e no ano seguinte (2023).

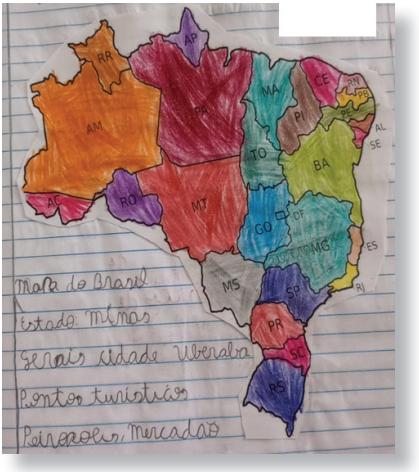
Figura 7 – Primeira atividade desenvolvida na
“Escola M” referente à história local



Fonte: Foto de autoria da docente,
cedida aos autores.

Na Figura 8, a atividade proposta utilizou o mapa do Brasil com sua divisão territorial e as respectivas siglas dos estados, que foram pintados pelos alunos. Integrando História e Geografia, buscou-se identificar o país (Brasil), o estado (Minas Gerais) e a localização de Uberaba (escrita pelos alunos na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba), o que evidencia uma localização não tão precisa do município em que residem, assim como o desconhecimento dos limites municipais.

Figura 8 – Atividade desenvolvida na
"Escola M" no ano de 2022 referente à história local



Fonte: Foto de autoria da docente,
cedida aos autores.

Ainda na mesma atividade, os alunos identificaram o Mercado Municipal (citado pelo discente como "Mercadão"), localizado na região central da cidade e ponto de comercialização de carnes, doces, salgados, produtos hortifrutigranjeiros, laticínios e *souvenirs*; sendo a outra menção feita ao bairro rural de Peirópolis. Nessas propostas didáticas, percebem-se duas questões evidentes: a primeira e mais explícita é a exaltação da data de fundação do município, comemorada com um símbolo que remete às festas de aniversário — o bolo. Na outra atividade, para além das questões relacionadas aos mapas, observa-se a identificação de dois pontos turísticos importantes: o centenário Mercado Municipal, patrimônio histórico tombado por lei municipal, cuja construção octogonal em estilo inglês está localizada na região central da ci-

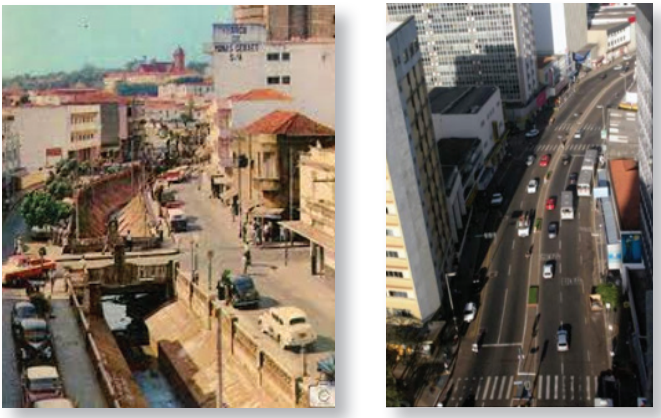
dade, sendo um dos prédios mais conhecidos de Uberaba; e o bairro rural de Peirópolis, conhecido mundialmente pelas pesquisas paleontológicas desenvolvidas no "Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price" e pelo "Museu dos Dinossauros", que recebe milhares de visitantes todos os anos.[4]

As atividades desenvolvidas na "Escola M" também tiveram caráter pontual, ocorrendo em poucos períodos do ano. É possível perceber que as habilidades foram contempladas apenas de forma parcial: tanto as previstas na BNCC, que buscam identificar os patrimônios históricos do município, quanto aquelas constantes nas matrizes curriculares municipais, que, por serem pouco específicas, permitem que a atividade em que foi mencionado o Mercado Municipal sirva como elemento para a compreensão da história local. Essa proposta didática, ao buscar apenas apontar um patrimônio histórico e um ponto turístico — por mais importantes que sejam para a história e a economia do município —, evidencia unicamente o lado positivo da cidade. Como tais elementos foram apenas citados, não houve realização de pesquisa que possibilitasse, por exemplo, levantar aspectos históricos que considerassem as razões sociais e culturais que conferiram a eles determinada relevância na história de Uberaba.

Com relação às atividades desenvolvidas pelas docentes da "Escola P", a Figura 9 corresponde a um exercício que aborda a história local, aplicado como avaliação durante o ano letivo de 2022.

Figura 9 – Questão de uma avaliação da "Escola P" no ano de 2022 referente à história local

Observe as imagens a seguir da Avenida Leopoldino de Oliveira, de nossa cidade:



11 - Cite três mudanças que você percebe que ocorreu na avenida com o passar do tempo.

Fonte: Avaliação cedida por docente.

Utilizando uma conhecida imagem da principal via de Uberaba, a Avenida Leopoldino de Oliveira, datada de 1965 (localizada à esquerda), a professora elaborou um exercício cujo objetivo principal era compreender as transformações ocorridas ao longo dos anos. Para esse propósito, foi utilizada uma imagem mais recente da mesma avenida, captada em um ponto próximo ao da fotografia mais antiga, para que os alunos pudessem identificar tais modificações. Atividades comparativas baseadas em uma realidade mais próxima do aluno, como o exercício analisado, são importantes para estimular a observação, trabalhar a noção de passado/presente, assim como as mudanças e permanências, buscando desenvolver nos alunos a percepção do tempo histórico. Da mesma forma que nas escolas estadual e municipal, a história local foi trabalhada de forma esporádica na instituição de ensino particular durante o ano letivo de 2022.

De modo geral, observa-se, em todas as escolas, que as aprendizagens previstas para o ensino de História do 3º ano do Ensino Fundamental, conforme estabelecido na BNCC, no currículo e nas matrizes curriculares analisadas, foram contempladas apenas parcialmente, quando avaliadas sob o viés do trabalho desenvolvido a partir da história do município de Uberaba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, percebe-se como a história local vem sendo preterida nas escolas que oferecem o Ensino Fundamental – Anos Iniciais no município de Uberaba. Os motivos para que isso ocorra são variados. A primeira questão levantada está relacionada aos livros didáticos e diz respeito exatamente a essa "mercadoria". Frutos de interesses diversos, inclusive os das editoras, percebe-se que eles constituem a base para o ensino dos alunos, sendo pensados e editados para ser utilizados nas escolas de todo o Brasil, com conteúdos mais gerais. Nessa perspectiva, torna-se um desafio publicar um livro didático de História para o 3º ano do Ensino Fundamental que contemple, de forma aprofundada, a história de um determinado município. Questões como a viabilidade comercial da obra, os custos de produção e impressão e a existência de um público consumidor restrito são elementos que influenciam as decisões das editoras.

Dessa forma, trabalhar a história local exige um esforço por parte dos do-

centes para contextualizar e complementar aquilo que está presente nos livros didáticos, já que seus conteúdos possuem caráter mais genérico. Observa-se que as obras buscam incentivar, a partir de diferentes atividades propostas — ainda que de forma bastante pontual —, reflexões sobre a história do município em que o discente reside. Tal perspectiva demanda necessariamente a produção de textos e atividades complementares sobre a temática. Como todo professor é também um pesquisador, a leitura e análise de livros e trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, monografias e artigos) deve fazer parte de sua rotina, pois aquilo que vem sendo produzido na academia sobre a história local precisa ser problematizado e incorporado ao ensino nas escolas, evidenciando as especificidades do processo histórico local.

Outras questões encontram-se interligadas: as docentes da "Escola E" e da "Escola M" trabalham em dois turnos e são responsáveis por ministrar todas as disciplinas às turmas do 3º ano. Já na "Escola P" há uma divisão das disciplinas entre as professoras da instituição. Percebe-se, assim, a precarização do trabalho docente: aquelas que atuam na rede pública precisam lidar com turmas diversas, em escolas diferentes e em períodos distintos do dia. Sobre elas, recai, portanto, a necessidade de elaborar planejamentos semanais específicos para cada realidade, configurando um excesso de trabalho que compromete a possibilidade de realizar pesquisas sobre temáticas da história local, as quais poderiam ser abordadas em sala de aula por meio de atividades capazes de instigar nos alunos o interesse em conhecer mais sobre a história de seu município.

A formação docente é outro ponto a ser considerado. Nos cursos de Pedagogia, devido à necessidade de um ensino que contemple as diversas disciplinas a serem abordadas pelos futuros professores em sala de aula, é fundamental que as instituições de ensino superior ofereçam disciplinas que promovam a discussão sobre a história local. Para os professores que já estão formados e atuam nas escolas, torna-se necessária a existência de cursos de formação continuada, de modo que novos conhecimentos sobre a história local possam ser incorporados, permitindo o aperfeiçoamento de suas práticas pedagógicas e, consequentemente, a melhoria da aprendizagem dos alunos.

Um ponto importante a ser considerado no ano letivo de 2022, quando a pesquisa foi realizada, diz respeito à pandemia da Covid-19, que obrigou as instituições escolares a adotarem o ensino remoto nos anos de 2020 e 2021. Nesse contexto, houve uma preocupação por parte da docente da "Escola E"

em priorizar as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, visando compensar a defasagem de aprendizado evidenciada nas avaliações diagnósticas. Ao privilegiar essas disciplinas — que, sem dúvida, são importantes —, o ensino de História acabou ficando em segundo plano. Diante do contexto, embora essa decisão tenha sido necessária sob a perspectiva da docente, compromete-se, em uma perspectiva histórica, a possibilidade de desenvolver nos alunos o senso crítico sobre a realidade local, bem como a compreensão da importância do estudo do passado para a interpretação do presente.

Todas essas questões afetam o entendimento dos alunos sobre a importância da história local, pois é exatamente

> nos anos iniciais do Ensino Fundamental que a criança estabelece os primeiros contatos com o conhecimento histórico e o livro didático da área é um dos instrumentos que proporciona esses contatos. Inicia-se o estudo com a história da família, do bairro, da cidade e do estado para, em seguida, estabelecer-se uma relação desse estudo com a história do país e dos continentes (Valdez; Ribeiro, 2013, p. 55).

Ou seja, as conexões entre o local/regional, o nacional e a história geral são construídas de forma diacrônica ao longo da trajetória escolar do aluno. A pouca atenção dedicada à história local, como demonstrado na análise apresentada, compromete essa perspectiva. Torna-se, portanto, necessário desenvolver nas escolas um trabalho que aborde a história local de maneira criativa, crítica e aprofundada — respeitando a capacidade cognitiva dos discentes — para que compreendam a importância daqueles que construíram a história antes deles, sejam eles figuras famosas ou, sobretudo, os "anônimos".

Uma abordagem crítica da história local permitirá aos alunos perceber que todos são agentes históricos, capazes de construir sua própria trajetória e a de seu município, sem perder de vista as continuidades e descontinuidades, bem como as conexões com outras narrativas históricas que compõem todo processo histórico. O ensino da história local desempenha, ainda, um papel fundamental na formação da identidade, no fortalecimento do sentimento de pertencimento, na construção da consciência histórica e no desenvolvimento de cidadãos críticos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

Fontes

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, Distrito Federal, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo--texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 jan. 2024.

BRASIL. Lei 11.645, 10 de março de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 23 jan. 2025.

FTD sistema de ensino: língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia: 3º ano. 1. ed. 4 módulos. São Paulo: FTD, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. (2023). Uberaba, Minas Gerais. IBGE Cidades. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberaba/panorama. Acesso em: 01 maio 2025.

LOPES, Maria Antonieta Borges; BORGES, Maria Soledade Gomes. *Uberaba, uma cidade entre sete colinas*: história e geografia. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

MINAS GERAIS. Currículo Referência de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2021. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

MINORELLI, Caroline Torres; CHIBA, Charles Hokiti Fukushigue; GARCIA, Valquíria Pires. *Vamos aprender interdisciplinar*: história e geografia, 3º ano: ensino fundamental, anos iniciais. São Paulo: Edições SM, 2017.

OLIVEIRA, Letícia Fagundes de; ALVES, Alexandre. *Ligamundo*: história, 3º ano: ensino fundamental, anos iniciais. São Paulo: Saraiva, 2017.

UBERABA. *Matrizes Curriculares 2020. Secretaria de Educação.* Uberaba, Minas Gerais, 2020.

UBERABA. *Currículo da Rede Municipal de Ensino de Uberaba*. Uberaba, Minas Gerais, 2023.

Bibliografia

ABUD, Kátia. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de

aula. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *Ensino de História*: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

ASSIS, Tauã Carvalho de; PINTO, Suely Lima de Assis. O ensino de história local como estratégia pedagógica. *Itinerarius Reflectionis*, Jataí-GO, v. 15, n. 1, p. 01-18, 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.

BIANCHEZZI, Clarice; COELHO, Arlene Medeiros; SILVA, Denise Costa da; SOUZA, Érica de Souza e. Vestígios e memórias: História Local e o ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *História & Ensino*, v. 20, n. 2, p. 191-209, jul./dez. 2014.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História*: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. In: KARNAL, Leandro (org.) *História na Sala de Aula*: conceito, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005.

CAVALCANTI. Erinaldo Vicente. História, livro didático e formação docente: produção, limites e possibilidades. *Antíteses*, v. 11, n. 22, p. 516-532, jul./dez. 2018.

CAVALCANTI. Erinaldo Vicente. Livro didático: produção, possibilidades e desafios para o ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 5, n. 9, p. 262–284, jan./jun. 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. *et al*. *A pesquisa qualitativa*: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. *História Oral*, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006.

GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. História local e identidade: um estudo de caso na perspectiva da educação histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2012.

GINZBURG, Carlo. Sinais – raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KARNAL, Leandro (org.) *História na Sala de Aula*: conceito, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Ana Cláudia Pontes de; OLIVEIRA, Ana Lúcia Nascimento. Reflexões sobre o ensino de História local: um estudo de caso em Garanhuns-Pernambuco. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 19, n. 1, p. 125-143, jan./jun. 2022.

MALVERDES, Clara Zandomenico; SALIM, Maria Alayde Alcântara. A construção do conhecimento histórico escolar nos anos iniciais do ensino fundamental: algumas implicações metodológicas. *Revista História Hoje*, v. 9, n. 17, p. 187-208, 2019.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História regional e local do Brasil*: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Feira de Santana/Salvador: UEFS/Arcádia, 2002.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.) *Jörn Rüsen e o ensino de história.* Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo de História Regional e Local na Educação Básica. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História* – ANPUH. Versão *on-line*. Natal, p. 1-11, 2013.

VALDEZ, Diane; RIBEIRO, Miriam Bianca A. Produção de livro didático de história regional para crianças: um desafio acadêmico. *Revista Educação e Fronteiras on-line*, Dourados/MS, v. 3, n. 7, p. 54-67, jan./abr. 2013.

NOTAS

[1] Sobre estudos acadêmicos que problematizam o ensino de história local, podemos citar: Fonseca, 2003; Germinari; Buczenko, 2012; Silva, 2013.

[2] Maria Antonieta Borges Lopes é professora e historiadora. Maria Soledade Gomes Borges, pedagoga e professora de Artes.

[3] Essa medida objetiva preservar a identidade das escolas e das docentes que lá trabalhavam na época em que a pesquisa foi desenvolvida.

[4] As pesquisas desenvolvidas em Peirópolis integram um dos "pilares" do Geoparque Uberaba — chancelado em 2024 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Além desse, outros dois "pilares" contribuíram para a chancela: Chico Xavier e o espiritismo kardecista, além da importância da pecuária e genética zebuínas, cuja introdução no Brasil do gado zebu, entre fins do século XIX e início do século XX, contou com a participação e investimento de pecuaristas uberabenses.

Artigo submetido em 24 de junho de 2025.
Aceito em 16 de janeiro de 2026.